

O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DO SERIDÓ POTIGUAR**GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE IN EARLY CHILDHOOD AND ELEMENTARY EDUCATION IN THE CONTEXT OF THE SERIDÓ POTIGUAR REGION****CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL Y PRIMARIA EN EL CONTEXTO DE LA REGIÓN DEL SERIDÓ POTIGUAR**

Talita Nascimento Fernandes¹; Bruna Batista Pereira² Djanni Martinho dos Santos Sobrinho³.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/DEDUC), Brasil, talita.fernandes.074@ufrn.edu.br, <https://orcid.org/0009-0005-0845-1775>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/DEDUC), Brasil, bruna.batista.127@ufrn.edu.br, <https://orcid.org/0009-0002-6020-7719>.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/GEOPROF/PPGENAP), Brasil, djannigeo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9541-9071>.

RESUMO

Apesar da Geografia ter seu início enquanto disciplina apenas no Fundamental, é de extrema importância que as primeiras noções geográficas sejam construídas ainda na primeira infância. Sabendo que nessa faixa etária a criança está pronta para explorar o mundo ao seu redor, apresentando curiosidades sobre os espaços e a sua posição na sociedade, é dever do professor incentivar o aprendizado através do que se tem: o próprio espaço de vivência e o brincar. A proposta central é verificar se é dada a devida importância ao ensino da Geografia no Seridó Potiguar e que contribuições da vida acadêmica podem promover a alfabetização geográfica dos alunos. Para alcançar tais objetivos, utilizou-se um questionário on-line para investigar o perfil de cinco professoras da região, além de refletir sobre suas atuais práticas docentes, a utilização da Base Nacional Comum Curricular e do uso da tecnologia e de materiais didáticos auxiliares no processo ensino-aprendizagem. A fundamentação teórica desta pesquisa tem como base os estudos de Vasconcelos e Carvalho (2018), Callai (2005), Silva (1996), Braga (2007), Goulart (2012), Porto (2016), Ribeiro e Marques (2001) e Pereira, Alves e Cabral (2013). Percebe-se, portanto, que a geografia tradicional, visando aspectos de memorização e atividades de respostas prontas, ainda está muito enraizada. Pouco foi falado sobre o brincar como forma de aprender e explorar o meio social em que se está inserido, assim como ficou ausente na fala das professoras da Educação Infantil citações sobre as interações, os campos de experiência e a psicomotricidade como elementos indispensáveis nesse processo.

Palavras-chave: ensino da Geografia; educação infantil; anos iniciais; prática docente; alfabetização geográfica.

ABSTRACT

Although Geography as a subject only begins in elementary school, it is extremely important that the first geographical concepts are built in early childhood. Knowing that at this age children are ready to explore the world around them, showing curiosity about spaces and their position in society, it is the teacher's duty to encourage learning through what they have: their own living space and play. The central proposal is to verify whether due importance is given to the teaching of Geography in the Seridó Potiguar region and what contributions from academic life can promote the geographical literacy of students. To achieve these objectives, an online questionnaire was used to investigate the profile of five teachers from the region, as well as to reflect on their current teaching practices, the use of the National Common Curricular Base, and the use of technology and teaching materials that aid in the teaching-learning process. The theoretical foundation of this research is based on the studies of Vasconcelos and Carvalho (2018), Callai (2005), Silva (1996), Braga (2007), Goulart (2012), Porto (2016), Ribeiro and Marques (2001), and Pereira, Alves, and Cabral (2013). It is therefore clear that traditional geography, focusing on memorization and activities with pre-defined answers, is still deeply ingrained. Little was said about play as a way of learning and exploring the social environment in which one is immersed, and the teachers of Early Childhood Education also failed to mention interactions, fields of experience, and psychomotor skills as indispensable elements in this process.

Keywords: Geography teaching; early childhood education; early years of schooling; teaching practice; geographical literacy.

RESUMEN

Aunque la Geografía como asignatura solo comienza en la educación primaria, es fundamental que los primeros conceptos geográficos se formen en la primera infancia. Sabiendo que a esta edad los niños están listos para explorar el mundo que los rodea, mostrando curiosidad por los espacios y su posición en la sociedad, es responsabilidad del docente fomentar el aprendizaje a través de lo que tienen a su disposición: su propio espacio vital y el juego. La propuesta central es verificar si se le da la debida importancia a la enseñanza de la Geografía en la región del Seridó Potiguar y qué contribuciones de la vida académica pueden promover la alfabetización geográfica de los estudiantes. Para lograr estos objetivos, se utilizó un cuestionario en línea para investigar el perfil de cinco docentes de la región, así como para reflexionar sobre sus prácticas docentes actuales, el uso de la Base Curricular Común Nacional y el uso de tecnología y materiales didácticos que facilitan el proceso de enseñanza-aprendizaje. La base teórica de esta investigación se basa en los estudios de Vasconcelos y Carvalho (2018), Callai (2005), Silva (1996), Braga (2007), Goulart (2012), Porto (2016), Ribeiro y Marques (2001) y Pereira, Alves y Cabral (2013). Por lo tanto, es evidente que la geografía tradicional, centrada en la memorización y las actividades con respuestas predefinidas, aún está profundamente arraigada. Se ha hablado poco del juego como forma de aprender y explorar el entorno social en el que uno está inmerso, y el profesorado de Educación Infantil tampoco mencionó las interacciones, los campos de experiencia y las habilidades psicomotoras como elementos indispensables en este proceso.

Palabras clave: enseñanza de la geografía; educación infantil temprana; primeros años de escolarización; práctica docente; alfabetización geográfica.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Geografia enquanto disciplina começa a ser ministrada a partir do Ensino Fundamental, o que não impede o desenvolvimento das primeiras noções sobre a orientação de lugar, espaço, paisagem, lateralidade, natureza e sociedade, além do mapeamento do próprio corpo da criança, já nos primeiros anos de sua vida. Infelizmente, muitas práticas docentes ainda não conseguem enxergar nos primeiros anos da infância uma oportunidade para se trabalhar geograficamente. Dessa forma, faz-se necessário investigar o que tem sido empecilho na didática dos professores perante a não introdução da alfabetização cartográfica, seja o livro didático, o olhar tradicional ou a falta de referência em documentos educacionais.

O presente artigo busca discutir sobre a importância de se trabalhar a Geografia na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, visto que as noções de tempo e espaço devem fazer parte da aprendizagem da criança, enquanto bases para o entendimento do lugar geográfico em que se está inserida. Durante essa faixa etária, a criança está conhecendo e explorando o mundo ao seu redor, portanto, conhecimentos geográficos são imprescindíveis para ajudá-la a orientar-se, localizar-se e agir no seu meio de vivência.

Dessa forma, o estudo é de natureza qualitativa e envolve verificar e discutir o conhecimento de professoras acerca do Ensino de Geografia no Ensino Infantil e Fundamental I em escolas públicas e privadas do Seridó Potiguar. Sendo assim, realizou-se uma pesquisa de campo com um total de 05 docentes. O instrumento para a coleta dos dados foi um questionário online, composto por 10 questões, com o intuito de conhecer o perfil das professoras, identificar suas práticas pedagógicas, elencar quais os conteúdos de Geografia são trabalhados nessa etapa de ensino, bem como identificar o uso das metodologias estratégicas ao trabalhar tais conteúdos.

Para isso, as entrevistadas serão identificadas por Professora A, Professora B, Professora C, Professora D e Professora E. Através das falas destas, foi possível identificar a geografia presente desde a Educação Infantil, porém notou-se a ausência de citações sobre as interações, os campos de experiência e a psicomotricidade enquanto elementos primordiais no processo ensino-aprendizagem. Além disso, ficou claro a visão de uma geografia ainda tradicional, com o uso preferencial dos livros didáticos ou atividades impressas, deixando em segundo plano recursos tão importantes como a brincadeira e os jogos.

Assim, o texto encontra-se organizado a partir da introdução e terá seu desenvolvimento dividido nos seguintes subtópicos: “A importância do Ensino de Geografia na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, o qual terá como fundamento os próprios documentos que regem a nossa educação básica, “Perfil das professoras entrevistadas”, no qual foi coletado e investigado informações sobre quantos anos de atuação, tipo de entrada no serviço, estratégias metodológicas, dentre outros recursos; “Concepções teóricas e as práticas e estratégias metodológicas no Ensino da Geografia”, como forma de analisar a visão e a prática de cada docente, e “Didática utilizada no Ensino da Geografia: há diálogo com a BNCC?”, onde se discute sobre o quão próximo a práticas dessas professoras estão do nosso documento-base. Por fim, tem-se as considerações finais, nas quais são retomados os resultados da pesquisa, a importância desta e futuras propostas que podem ser trabalhadas.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Durante muito tempo, a Educação Infantil teve caráter assistencialista, visto que as creches surgiram com o intuito de atender às necessidades da família trabalhadora. Acompanhando o avanço da urbanização, a participação feminina no mercado de trabalho e a reestruturação das famílias, a sociedade passou a ter mais consciência da importância das primeiras experiências educacionais na primeira infância. Assim, com a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, a educação passou a ser um dever do Estado e um direito da criança.

Em concordância com essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 tornou a Educação Infantil uma responsabilidade da Secretaria da Educação, se constituindo, pois, como a primeira etapa da Educação Básica do país e saindo da ótica da assistência social. Paralelo a isso, nos anos finais da década de 1990, surge o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), visando, dentre outros objetivos, aproximar a prática escolar às orientações expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Segundo a RCNEI (1998), no volume 1, a qualidade das experiências oferecidas pode contribuir para o exercício da cidadania e devem estar embasadas nos seguintes princípios:

O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.; o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética; a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (Brasil, 1998, p. 15).

Dessa forma, o professor que trabalha a geografia em sua sala de aula desde a Educação Infantil precisa incorporar os princípios presentes no Referencial. É possível, a partir dos direitos da criança, ensinar elementos geográficos. Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer se relacionam com a geografia de várias maneiras, como na questão da identidade cultural e social, na expressão de diversas linguagens, na participação nas práticas sociais, no brincar explorando diferentes espaços e no convívio a partir do respeito pelas diferentes pessoas e culturas.

Por sua vez, no volume 3, que trata de natureza e sociedade, alguns objetivos são estabelecidos para o ensino de geografia na primeira infância:

Explorar o ambiente para que possa se relacionar com pessoas, estabelecer contato com pequenos animais, com plantas e com objetos diversos, manifestando curiosidade e interesse; interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre os acontecimentos, buscando informações e confrontando ideias; estabelecer relações entre o modo de vida característico de seu grupo social e de outros grupos; estabelecer relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana (Brasil, 1998, p. 175).

Cidadania, interação social, identidade, diferenças étnicas e culturais, expressão e pensamento são termos presentes também na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil. Nesse sentido, sabendo que dos 0 a 6 anos a criança precisa explorar o mundo, se relacionar, perceber seu corpo, experienciar diversas vivências, a geografia faz-se extremamente necessária, pois contribui na promoção do desenvolvimento cognitivo, corporal, social e cultural do indivíduo, bem como no entendimento das formas de relacionamento humano e suas ações no ambiente e vice-versa.

Além disso, a geografia pode ser explorada através dos direitos de aprendizagem e dos campos de experiência, aplicando-se esses princípios comuns aos documentos de

referência supracitados. De acordo com a BNCC (2017), os eixos estruturantes da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras. Dessa forma, são assegurados seis direitos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Tudo isso deve ser trabalhado dentro dos campos de experiências: o eu, o outro e nós; corpo, gesto e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Assim, conhecer sua identidade pessoal, social e cultural, explorar diversas formas e texturas, participar das atividades cotidianas da escola, brincar em diferentes espaços e tempos, expressar diferentes linguagens e conviver respeitando as diferenças socioculturais são exemplos de como a geografia pode estar intrinsecamente relacionada às práticas na educação infantil.

Ressalta-se que na primeira etapa da infância, a criança é capaz de entender o lugar em que vive como seu espaço, como os lugares em que brincam e passam o maior tempo, manipulam seus utensílios e brinquedos e proporção que manifestam relações espaciais, vão aumentando seu espaço de atuação. Nessa fase a criança precisa de estímulos para que venha a desenvolver uma boa educação que permita construir uma personalidade a partir das relações interpessoais que serão fundamentais no convívio social (Vasconcellos; Carvalho, 2018, p. 3).

Existe uma utopia na sociedade de que a criança não sabe o que está fazendo, nem muito menos o seu lugar no mundo. Algumas famílias acabam por limitar seus filhos, sem imaginar que isso pode dificultar o desenvolvimento deles. Na verdade, toda e qualquer criança, independentemente de suas limitações, precisa ser estimulada e isso de fato só ocorre quando ela tem domínio sobre a ação. Assim, a criança precisa dominar o concreto, ou seja, manipular seus pertences e explorar os ambientes, mantendo relação com outras pessoas. É necessário, portanto, que pais, professores e demais indivíduos incorporem o projeto educativo da escola, fazendo uma parceria para o desenvolvimento de suas crianças.

Em se tratando da Educação Fundamental, a partir dos anos iniciais, o ensino da geografia já se apresenta de forma mais explícita. O professor polivalente deve ensinar de forma a considerar as disciplinas tais como ciências, explicando os conceitos e atendendo às habilidades requeridas na BNCC. Apesar de tantas mudanças e orientações, ainda é notório nas salas de aula práticas totalmente tradicionais em relação ao ensino da geografia. Segundo Callai (2005),

[...] da forma como a geografia tem sido trabalhada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida.

Dessa forma, o professor precisa ter clareza teórico-metodológica, contextualizando os seus saberes junto com os dos seus alunos, de forma a integrar o mundo à sua volta. Para Rego (2000), “o conhecimento geográfico produzido na escola pode ser explicitamente o diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona.” Não é suficiente fazer uso de um livro didático, muitas vezes com contextos de outras regiões, sem saber transferi-lo para a realidade dos seus alunos. É necessário partir do próprio lugar, considerando a realidade concreta daquele espaço vivido.

Nesse sentido, Silva (1996, p.11) afirma:

Costumo lembrar que o livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista do país, a organização escolar como um todo, o *marketing* das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis.

Dessa maneira, nota-se historicamente que o livro didático tem dependido mais das políticas educacionais do que da decisão do professor. Além disso, não existem programas, em grande quantidade, que qualifiquem o docente para avaliação e uso desse instrumento. Muitas vezes, essa hierarquização do livro esconde a capacidade do professor trabalhar com o material de uma forma mais coerente.

Diante dessa problemática, nota-se que para mudar o cenário do ensino da geografia na educação básica é necessário, dentre outros pontos, alterar a estrutura dos currículos dentro dos cursos de formação de professores.

Nos cursos destinados à formação desses professores (magistério e pedagogia) não têm sido contemplados dois aspectos fundamentais para o desempenho de suas funções frente a disciplina: “o que” e “como” ensinar geografia. [...]. Esse é também, talvez, um dos motivos pelos quais os professores dessas séries nem sempre ensinam esses conteúdos e priorizam a leitura, a escrita e a matemática (Braga, 2007, p. 140).

Uma das maneiras de como ensinar geografia é relacionando infância e lugar. A prática docente precisa considerar que a criança carrega consigo muitas noções sobre espaço e lugar. Crianças sobem ladeiras, observam igrejas, frequentam parques, praças e outras instituições, passeiam, brincam. É a partir desse contexto, que o professor deve estimular os alunos, agindo enquanto mediador, a ampliarem suas leituras de mundo e passando a se enxergarem como sujeitos atuantes e modificadores dentro da sociedade. Assim, o papel da geografia na escola vai além de decorar conceitos. Callai (2005, p. 228), afirma que:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola.

Em concordância com Callai, Paulo Freire fala que a leitura do mundo deve ser feita antes mesmo da criança aprender a decifrar uma palavra. De fato, a alfabetização geográfica antecede o processo da leitura e da escrita. A criança antes de conhecer palavras e números, precisa se reconhecer enquanto sujeito capaz de alterar o meio em que vive e compreender que a busca pela sobrevivência e satisfação do homem modela as paisagens naturais.

PERFIL DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Para garantir o anonimato e a confidencialidade dos dados, as participantes tiveram ciência e foram de acordo com o Termo de Consentimento. O instrumento utilizado para obtenção dos resultados foi o questionário online. Segundo Andrade (2006), o questionário é um conjunto de perguntas que o informante responde sem necessidade da presença do pesquisador. Assim, cinco professoras responderam as questões, que envolvem dentre outros elementos o perfil dessas pessoas (Quadro 1).

Quadro 1. Perfil das professoras participantes.

Professora	Etapas de Ensino	Ano que começou a lecionar	Tipo de instituição que atua	Tipo de entrada
------------	------------------	----------------------------	------------------------------	-----------------

A	Infantil	2008	Pública	Processo seletivo
B	Infantil	2015	Privada	Contrato
C	Fundamental I	1995	Pública	Concurso público
D	Fundamental I	2023	Pública	Contrato
E	Fundamental I	2023	Pública	Processo seletivo

Fonte: elaborada pelas autoras (2024).

Percebe-se que a pesquisa tem seus limites de exploração, visto a pequena amostra de entrevistadas. Ainda assim, houve uma tentativa de diversificar mais o estudo, investigando práticas de duas etapas de ensino diferentes e considerando atuações em escolas públicas e em uma privada. Sobre os dados, observa-se uma discrepância entre o tempo de atuação da Professora C em relação às demais, podendo isso ser um ponto a ser analisado, por exemplo, referente às suas práticas e se existe um interesse na formação continuada.

Além disso, dentre as cinco entrevistadas apenas uma assumiu a profissão através do concurso público e, por coincidência ou não, esta é a mais antiga, começando a atuar em 1995. Tal fato pode nos levar a uma reflexão: até que ponto os contratos temporários são bons? Na realidade, eles conseguem afetar tanto o desempenho dos alunos quanto dos professores, pois a depender do contrato, altera-se a carga horária, os valores salariais, bem como intensifica a precarização do trabalho docente, através da falta de promoção profissional na carreira perante ao não vínculo a um plano de cargos e salários.

Para além do tempo de atividade, dar uma aula comum e apenas ficar esperando a aposentadoria chegar não tem efeito. Independentemente do tipo de entrada - processo seletivo, concurso ou contrato -, a graduação, hoje em dia, não é mais suficiente para a atuação dos professores da Educação Infantil. Faz-se necessário estar revendo sempre seu papel e sua função, em um constante processo evolutivo. Em concordância, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil define o perfil do profissional dessa etapa da educação como:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao

professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (Brasil, 1998, p. 41).

Refletir sobre sua prática na sala de aula é tarefa de qualquer profissional da educação. Assim, existe também uma expectativa sobre o professor dos anos iniciais do ensino fundamental. Dentre outras posturas, umas das mais importantes para o ensino, principalmente, da geografia, envolve:

Buscar a problematização dos fatos e experiências das realidades trazendo o mundo para dentro da sala de aula. Significa ouvir o aluno dando-lhe voz. Significa não espantar a curiosidade existente naturalmente nas crianças. Significa aquilo o que muitos esquecem quando enfrentam a sala de aula: estudar, refletir e redimensionar os espaços de aprendizagem por meio do diálogo com os alunos, das trocas com colegas, da escuta a comunidade, da atenção ao que se passa no mundo e suas conexões com o lugar. Fazer da sala de aula um espaço qualificado para ensinar e aprender problematizando seu trabalho no movimento da pesquisa (Goulart, 2012, p. 11).

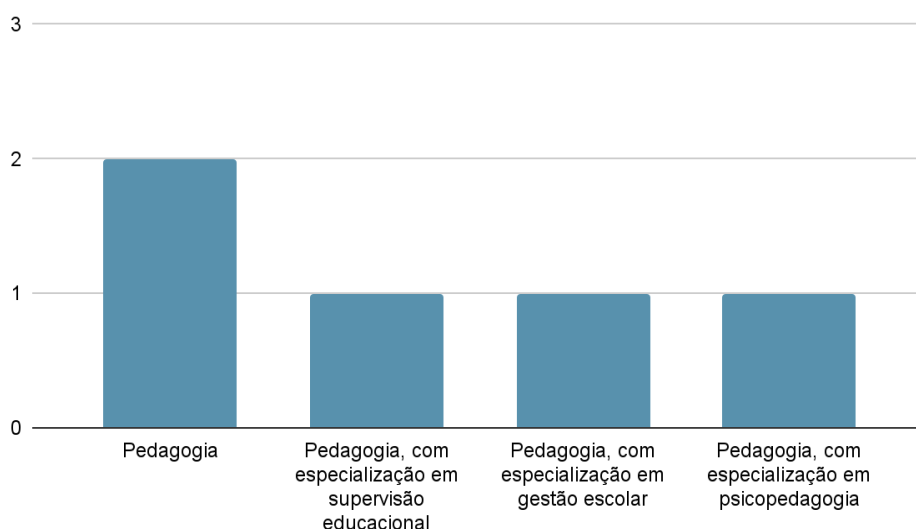
Na prática atual, espera-se que um professor permita o aluno ser o protagonista da sua aprendizagem. Isso não quer dizer que o aluno será um ser independente dentro da sala de aula, pois ele necessita das mediações do docente. Porém, há uma necessidade de dar mais voz às crianças, apresentar uma aula flexível diante do planejamento do professor, aproveitar a curiosidade e inquietação dos alunos para redimensionar o conteúdo e, mais ainda, conectar a escola com a sociedade que a rodeia e com o mundo em que ela está inserida, estreitando o diálogo entre a pesquisa e o ensino de uma forma mais ampla.

CONCEPÇÕES TEÓRICAS E AS PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Como dialogado, a formação continuada de um docente tem muita importância para a sua prática pedagógica. Das cinco professoras entrevistadas, duas possuem apenas graduação: a professora A, que começou a lecionar há 15 anos e atua na Creche I, e a professora D, que começou a lecionar ainda esse ano. A professora B é especialista em gestão escolar e atua no Nível V e 1º ano; a professora C tem sua especialização em supervisão educacional e a professora E, recém-formada, em psicopedagogia.

Tabela 1. Formação acadêmica das entrevistadas.

Formação acadêmica



Fonte: elaborada pelas autoras (2024).

De forma geral, nota-se que todas as suas especialidades convergem mais para a coordenação e o planejamento escolar, envolvendo estratégias e administração de pessoas e recursos. Nenhuma delas possui formação continuada no ensino da geografia, porém esse fator não impede que elas insiram conteúdos geográficos efetivamente na sala de aula. Para além da opção de cada professora, é importante que os docentes do nosso país estejam preocupados com a sua formação de qualidade.

Sobretudo atualmente, com tantas inovações e surgimento de novas tecnologias, torna-se ainda mais necessário a formação continuada dos professores para que se atualizem e aprimorem suas práticas pedagógicas. Em Pedagogia da autonomia (1996), Paulo Freire já dizia que "quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado". Consonante com a formação continuada, o se formar

tem importância para a atualização dos conhecimentos e a incorporação de novos saberes e habilidades.

Quando questionada sobre os conteúdos geográficos abordados com as crianças e os recursos didáticos e tecnológicos utilizados, a professora A citou apenas o meio ambiente, com a utilização das atividades impressas. De fato, ao entrar na escola, a criança já se depara com a geografia no tema Natureza e Sociedade, no qual se insere o meio ambiente. Porém, é inadmissível que este seja o único conteúdo a se trabalhar com as crianças, além do mais por mencionar apenas um dos meios mais tradicionais de ensino, as atividades prontas.

Para o ensino dessa temática, o recurso mais indicado é trabalhar o brinquedo, a brincadeira e o jogo como aliado no desenvolvimento das aulas dentro da sala de aula que permite criar, desenvolver, construir, ensinar e aprender a geografia, ajudar a criança a observar, sentir, vivenciar seu espaço (Porto, 2016, p. 3).

Ao lidar com crianças da Educação Infantil ou dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é importante que os recursos didáticos não se limitem apenas aos livros ou às atividades impressas. A criança entre essa faixa etária aprende muito através do lúdico e, infelizmente, muitos professores, principalmente da rede pública, produzem poucos ou nenhum material lúdico. Sabe-se, apesar disso, o que está por trás muitas vezes dessa desmotivação: salário baixo e péssimas condições de trabalho.

Em sequência, a professora B mencionou o sistema solar, as estações do ano e os movimentos de rotação e translação, fazendo uso dos recursos do livro didático, das imagens, das aulas de vídeo e do celular. De fato, são temas importantes dentro da geografia, mas esperava-se que professoras da Educação Infantil contemplassem tal ciência da forma mais simples possível: propondo atividades lúdicas de exploração do próprio espaço em que as crianças estão inseridas. Além disso, é preciso pensar até que ponto o uso de mídias, como vídeos e celular, pode atrapalhar ou não a aprendizagem do aluno, visto que nessa faixa etária é comum a perda de concentração com facilidade. Sobre o brincar, Ribeiro e Marques (2001, p. 41) afirmam que:

As atividades lúdicas podem ser propiciadas situações que possibilitem o desenvolvimento das noções espaciais e sua representação. Por esta razão, estas atividades devem ser acompanhadas de palavras chaves: em cima de; em baixo de; em frente/ atrás; ao lado de; perto/longe.

Do relato das professoras do Ensino Fundamental, foi possível observar a menção de um número bem maior de conteúdos trabalhados. Isso pode ser explicado pelo fato da Geografia se tornar objeto de disciplina em si. A professora C destaca “direitos da criança, deveres, cidadania, moradia, casa, escola, ritmos da natureza, brinquedos e brincadeiras de ontem e de hoje”. Segundo a BNCC, a habilidade EF01GE01 possibilita o aluno descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola, etc.) e a habilidade EF01GE02 sugere a criança identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares. Além disso, na habilidade EF01EG05 é citado a questão da descrição dos ritmos naturais. Dessa forma, nota-se certa congruência entre a prática pedagógica da professora e o documento referenciado.

As demais professoras ao mencionar a relação campo-cidade, os diversos lugares pelo mundo, diferentes povos e modos de vida, paisagens, tipos de trabalho, conservação e degradação da natureza, enquanto conteúdos trabalhados, também estão de acordo com a BNCC. Os assuntos contemplam as unidades temáticas “O sujeito e o seu lugar no mundo”, “Mundo do trabalho” e “Natureza, ambientes e qualidade de vida”, por exemplo. Além disso, os recursos utilizados não ficaram limitados ao livro didático, contemplando também filmes, mapas, recorte e colagem, globo terrestre, pintura, dentre outros. A professora B destaca ainda o uso da tecnologia enquanto aliada nesse processo, quando menciona “quizizz, jogos eletrônicos e aplicativos diversificados”.

Com a modernização nos meios de comunicação e a consequente expansão da tecnologia, faz-se necessário uma modificação no método de ensino-aprendizagem, para que este possa acompanhar o processo evolutivo, adequando-se às novas exigências da sociedade. Nesse contexto, é de fundamental importância à renovação do ensino de geografia, baseada na inovação de materiais didático-pedagógicos que possibilitem aos alunos um novo olhar para tal disciplina, despertando o interesse destes pelas aulas (Pereira et al, 2013, p. 4).

Assim sendo, a inovação do ensino da geografia pode acontecer não apenas pelas mudanças de conteúdos ou da prática do professor, mas também dos próprios recursos didáticos-metodológicos utilizados. É necessário que, independentemente da faixa etária, o docente crie situações concretas de aprendizagem, problematizando questões, fazendo uso da ludicidade e orientando o aluno nessa leitura de mundo.

DIDÁTICA UTILIZADA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: HÁ DIÁLOGO COM A BNCC?

Sabe-se que a didática é uma técnica subjetiva, cada ser-professor possui a sua forma de ensinar, de acordo com suas vivências e o modo como se enxerga o mundo. Mesmo assim, o processo de ensino deve estar mediado por referências documentais educacionais. Nesse caso, o documento de caráter normativo que rege as propostas pedagógicas de toda a Educação Básica é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Perguntadas sobre a importância de se trabalhar os conhecimentos geográficos na Educação Infantil, a professora A destacou “para compreender e saber como cuidar do planeta em que se vive. Já a professora B respondeu “para entender os acontecimentos cotidianos”. Por sua vez, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 2001 deixam claro que:

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua oposição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza têm consequência tanto quanto para a sociedade. Permite conhecer e compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridas, tanto em nível local como mundial (Brasil, 2001, p. 113).

Assim, é importante ter em mente que o ensino da geografia desde os primeiros anos não deve estar limitado apenas aos cuidados com a natureza e aos acontecimentos do dia-a-dia, mas no próprio conceito de identidade, das relações sociais e da noção de espaço. A relevância do ensino da geografia está expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) ao afirmar que:

[...] a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (Brasil, 2017, p. 357).

Sobre a contribuição da BNCC para suas práticas em sala de aula, a professora A citou apenas as dicas de atividades e a professora B destacou “nos norteia para sabermos os objetivos alcançados com as disciplinas ministradas”. Todavia, sabe-se que no documento em questão não é encontrado exemplo de atividade, sendo, assim como

os objetivos a serem alcançados, definidos pelo próprio docente. A BNCC contribui com a caracterização das unidades temáticas, dos objetos de conhecimento e das habilidades.

As falas das professoras dos anos iniciais contemplam de forma mais coerente a importância da BNCC para o planejamento e a execução das aulas.

“Professora C: através das orientações que contemplam habilidades e competências as quais o estudante deve desenvolver de acordo com a realidade em que está inserido. Professora D: vem nos auxiliando de uma forma muito positiva, pois é a partir desse auxílio que conseguimos elaborar nossos planos de aula de uma forma mais igualitária. Conseguindo assim uma abertura para novas experiências em nossas práticas pedagógicas. Professora E: ela facilita o entendimento dos conteúdos e a forma que devemos trabalhar com orientações importantes (SIC).”

O documento normativo aparenta ser utilizado como referência para essas docentes, porém um estudo mais exploratório e aprofundado poderia ser realizado para investigar, de fato, como esse documento se faz presente dentro das suas práticas em sala de aula. Em suma, foi possível notar uma limitação dos conteúdos geográficos trabalhados e algumas lacunas entre o conhecer precisamente a BNCC e o aplicar com intencionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos autores referenciados e dos documentos educacionais estudados, pode-se inferir que trabalhar a Geografia na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem grande importância para o desenvolvimento e o processo de aprendizagem dos alunos. Além de proporcionar aos alunos o entendimento do lugar geográfico em que estão inseridos, conhecendo e explorando o mundo ao seu redor, os conhecimentos geográficos têm o objetivo de orientação e localização, de busca por seus direitos enquanto cidadão ativo, de compreensão do seu papel no mundo. Desse modo, o trabalho reconhece a necessidade de estudar os conceitos geográficos desde os primeiros anos, não se limitando apenas aos anos do Ensino Fundamental e Médio.

Ademais, visto que dos 0 a 6 anos a criança precisa conhecer o mundo, se relacionar, perceber seu corpo, experienciar diversas vivências, a geografia faz-se extremamente necessária, pois contribui na promoção do desenvolvimento cognitivo,

corporal, social e cultural do indivíduo, bem como no entendimento das formas de relacionamento humano e suas ações no ambiente e vice-versa.

É preciso, ainda, que a formação continuada dos professores de fato exista em nosso país, pois foi perceptível, comparando a estudos de outras épocas, notar que poucos elementos mudaram no ensino da Geografia. A visão tradicional, conteudista, ainda permanece presente na atuação do professor dentro da sala de aula, que não busca explorar uma aprendizagem ativa, a qual desperte no aluno a compreensão sobre os conceitos geográficos e suas contribuições no mundo que o sujeito está inserido.

Por fim, é necessário reforçar que a pesquisa pode ser futuramente ampliada, visto a quantidade limitada de entrevistadas. Assim, sugere que em outros possíveis estudos, seja considerado um maior público de pessoas respondendo o questionário, aumentando, pois, o universo da amostra. Além disso, uma entrevista presencial poderia cultivar respostas mais consistentes, pois o diálogo promove uma maior interação. Diferente disso, nas respostas analisadas, notou-se respostas muito curtas, tornando difícil investigar com detalhes a prática dessas docentes. Além disso, nada foi falado sobre os campos de experiência como ponto de partida na Educação Infantil, nem sobre oportunizar o aluno conhecer os fenômenos transformados a partir de suas vivências. Por outro lado, o livro didático foi amplamente citado pelas professoras, porém temos que ter sempre em mente que ele é um dos recursos didáticos, mas não pode ser o único, principalmente por não contemplar a realidade local.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRAGA, M. C. B. **O Ensino de Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: uma análise dos descompassos entre a formação docente e as orientações das políticas públicas**. In: Terra Livre. Ano 23, v. 01, nº. 28, 2007

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Ministério da Educação. 3ª Ed. Brasília. A Secretaria, 2001.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad.cedes, Campinas:2005.



GOULART, L. B. **O QUE AFINAL QUE UM PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS PRECISA SABER PARA ENSINAR GEOGRAFIA?**. PerCursos, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2012.

PEREIRA, S.S.; ALVES, T. L. B.; CABRAL, L. N. **RECURSOS MIDIÁTICOS E GEOGRAFIA ESCOLAR: propostas metodológicas em busca da renovação no ensino**. Geo UERJ - Ano 15, v. 2, n. 24, 2013.

REGO, N. et al. **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RIBEIRO, L. T.; MARQUES, M. S. **Ensino de História e Geografia**. 2ª ed. Ver. E ampl. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

SILVA, E. T. **LIVRO DIDÁTICO: do ritual de passagem à ultrapassagem**. *Em aberto*, Brasília, v. 16, n. 69, 1996.

VASCONCELOS, C. A.; CARVALHO, D. M. **Contextualizando o ensino da geografia na educação infantil**. Caldas Novas, GO, IX Fórum Nacional NEPEG, GT3, 2018.

Submetido em: 08-02-2026

Aceito em: 13-02-2026